

Os mundos real, virtual e hiper-real de Jean Baudrillard

Anna Karolina Veiga SANTA HELENA¹

Resumo

Desde a década de 1990, quando a *Internet* ainda era restrita a uma minoria da população mundial, a divisão do mundo em real e virtual já era tema de textos de Jean Baudrillard. Antes mesmo da popularização da rede e de suas ferramentas mais interativas, como as redes sociais, o autor já imaginava as consequências que essa "migração" para o *online* acarretaria na vida das pessoas. Neste artigo, busca-se analisar a visão de Baudrillard sobre o assunto, passando pela extinção da realidade pela virtualidade e chegando até seu ponto máximo: a hiper-realidade. Para isso, foram analisados livros que reúnem ensaios e artigos publicados pelo autor, contextualizando sua opinião com a situação da sociedade em que vivemos no século XXI, cerca de vinte anos depois da publicação da maioria dos textos.

Palavras-chave: Televisão. *Internet*. Hiper-realidade.

Abstract

Since the 1990s, when Internet was still limited to a minority of the world population, the world's division in real and virtual already was subject of Jean Baudrillard texts. Even before web and your most interactive tools become popular, the author has imagined the consequences of this "migration" to *online* in people's life. This paper analyzes Baudrillard's view about the subject, going through the reality extinction by the virtuality and reaching its peak: the hyperreality. For this, books that bring together essays and papers published by the author were analyzed, contextualizing his opinion to the society situation that we live in the 21st century, about twenty years after the publication of most of the texts.

Keywords: Television. Internet. Hyperreality.

Introdução

Desde a popularização da *Internet* e de suas ferramentas, estamos tendenciados a dividir nossa vida em dois planos: o real - que diz respeito a tudo o que fazemos fora da

¹ Mestranda do Programa de Comunicação Social da PUCRS. E-mail: annak.veiga@gmail.com

rede - e o virtual - que compreende nossas atividades *online*, as quais precisamos estar conectados para realizar. É bem verdade que, inicialmente, a *World Wide Web*² tinha fins mais específicos e não estava ao alcance de grande parte da população, como acontece hoje. Sabe-se que a origem da *Internet* data do final dos anos 1960 e que está diretamente ligada à Guerra Fria. Na época, o Departamento de Defesa Americano queria algo que permitisse a comunicação de conjuntos militares localizados em diferentes centros. Nas duas décadas seguintes, a rede cresceu e passou também a ser utilizada para objetivos acadêmicos e, por volta de 1990, começou a tomar uma forma mais parecida com a que se conhece atualmente. Posteriormente, em meados dos anos 2000, surgiram as redes sociais e, com elas, um novo universo virtual, que abriu possibilidades para que as pessoas mantivessem uma comunicação instantânea, independentemente do lugar em que estivessem.

Entretanto, antes mesmo de essa evolução se estabelecer de maneira concreta em nossas vidas, já havia estudos sobre o que uma divisão entre real e virtual estaria modificando e, ainda, o que viria a modificar no mundo. O sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard³ dedicou muitos de seus textos ao tema - especialmente os publicados no jornal parisiense *La Libération* na década de 1990. E a teoria que ele defendia era a de que é impossível separar o mundo em que vivemos em real e virtual.

Mundo real *versus* mundo virtual

Atualmente, podemos realizar diversas atividades de maneira virtual. Efetuamos pagamentos e transferências *online*, acessando os *sites* ou aplicativos de nossos bancos; compramos através da *Internet* (desde equipamentos eletrônicos a roupas); conversamos e interagimos conectados pelas redes sociais. Olhando por esse viés, parece-nos muito claro que as ações previamente descritas pertencem ao mundo virtual. Mas, pensando que pagamos com ou transferimos dinheiro que realmente existe (que, apesar de não ser físico, está em nossa conta. Se não estivesse, seria um grande problema), compramos produtos que, de fato, chegarão a nossas mãos e conversamos e interagimos com

² Rede Mundial de Computadores. Daí o *www*. no começo de endereços de sites

³ Jean Baudrillard nasceu em 1929, em Reims (França), e faleceu em 2007, em Paris. É considerado um dos mais importantes pensadores do século XXI

peças que conhecemos pessoalmente ou que, pelo menos, *existem* pessoalmente (por mais que não tenham aquele nome ou aquela aparência que a foto de perfil exibe), torna-se mais fácil entender o pensamento de Baudrillard. O virtual só pode existir a partir do momento em que o real existe. E os dois são inseparáveis.

O tema real *versus* virtual ultrapassou as fronteiras da filosofia e chegou ao cinema. Em março de 1999 foi lançado o filme *Matrix*, dirigido pelos irmãos Wachowski e protagonizado por Keanu Reeves e Laurence Fishburne. No longa, Reeves interpreta um programador de computador que tem pesadelos estranhos e, em função disso, começa a questionar a realidade (que, de fato, não é exatamente como parece). A obra de ficção foi inspirada pelo livro de Baudrillard *Simulacros e Simulação*, publicado em 1981. O autor, por sua vez, considerou o filme divertido, mas muito metafórico, e questionou se os produtores realmente entenderam seu texto. Para ele, o problema do longa estava na separação evidente entre a realidade e a ilusão.

Dentre os filmes que aplicam melhor suas ideias, Baudrillard cita *The Truman Show*⁴. No longa, Jim Carrey interpreta Truman, um homem que tem, aparentemente, uma vida considerada normal: é casado, possui família, emprego e amigos. Mas, na verdade, tudo isso não passa de um programa de televisão, uma espécie de *reality show* que conta a história desse ser humano desde o seu nascimento. Tudo é fictício e planejado, mas ele - e somente ele - não sabe. O personagem principal, vigiado vinte e quatro horas por dia pelos telespectadores, é atraente justamente por isso: é alguém que acredita estar simplesmente vivendo, como todas as outras pessoas. Daí o nome do *reality show* e do filme, que pode ser compreendido como "*the true man show*", ou "a exibição do homem de verdade". Neste caso, o real e o virtual não estão claramente separados e, por isso, Baudrillard fez uma avaliação mais positiva desse filme.

A extinção do mundo real

Baudrillard foi ainda mais além em suas teorias sobre real e virtual. Apesar de coexistirem em um mesmo mundo, segundo ele, é possível que um esteja exterminando o outro. Baudrillard (2011) chega a dizer que estamos vivendo um apocalipse, no qual o mundo real está sendo devastado. E isso ocorre porque só existem acontecimentos

⁴ No Brasil, o filme foi traduzido como *O Show de Truman: O Show da Vida*

virtuais. Essa posição está presente ao longo de muitos de seus textos e, para explicá-la, alguns exemplos são utilizados. Um deles está ligado à Guerra do Golfo.

Na visão de Baudrillard, há alguns motivos para que a Guerra do Golfo não tenha *realmente* existido. Um deles se deve ao fato de Saddam Hussein nunca ter sido um inimigo de verdade e, conseqüentemente, o "combate" a ele também não:

nós o combatemos com força, amplitude midiática e tecnológica - ela era e continua a ser nosso aliado objetivo. Insultado, denunciado, estigmatizado em nome dos direitos do homem, mas ainda assim nosso aliado objetivo contra o Irã, contra os curdos, contra os xiitas. (BAUDRILLARD, 2011, p. 23).

Além disso, ele alega que os "confrontos virtuais" foram transmitidos pela televisão, o que permitiu que as pessoas os acompanhassem. As imagens da guerra estiveram em evidência, foram exibidas inúmeras vezes e causaram saturação e desinteresse em quem as assistiu, levando o conflito, definitivamente, para o âmbito do virtual.

Baudrillard (2011) avalia esse mesmo aspecto em outro acontecimento histórico, quando a capital da Bósnia e Herzegovina, Sarajevo, foi cercada por sérvios bósnios, em uma guerrilha que durou de 1992 a 1995, causando grande destruição na cidade⁵. Os sérvios assumem, então, o mesmo papel duplo de Hussein:

os sérvios, enquanto vetores da purificação étnica, são a extremidade sensível da Europa em construção. Pois a Europa "real" está em construção, a Europa branca, a Europa lavada, integrada e purificada moral, econômica ou etnicamente. Está em construção vitoriosamente em Sarajevo, e nesse sentido, o que aí ocorre não é de jeito nenhum um acidente no percurso de uma Europa inexistente, piedosa e democrática; é a fase lógica e ascendente da Nova Ordem europeia, filial da Nova Ordem mundial, que se caracteriza por toda parte pelo integrismo "branco", o protecionismo, a discriminação e o controle. (BAUDRILLARD, 2011, p. 15).

O autor comenta ainda sobre a opinião de Susan Sontag⁶, que "confessa que os bósnios não creem de fato na aflição que os cerca. Terminam por considerar a situação irreal, insensata, ininteligível" (Baudrillard, 2011, p. 12), e que essa sensação é ainda mais agravada pelo esgotamento provocado pela mídia. Para ele, esse ponto de vista de

⁵ O cerco de Sarajevo aconteceu após a Bósnia e Herzegovina se declararem independente da República Socialista Federativa da Iugoslávia. Os sérvios tinham como objetivo criar um novo Estado sérvio da República Srpska, que incluiria parte do território do país

⁶ Susan Sontag nasceu em Nova York em 1933 e faleceu em 2004. Cursou filosofia na Universidade de Chicago e pós-graduou-se em Harvard. Foi uma escritora crítica da arte e ativista norte-americana

Susan caracteriza uma posição geral, onde troca-se a "própria miséria pela dos miseráveis, cada um suportando o outro numa espécie de contrato perverso" (Baudrillard, 2011, p. 13).

Situação parecida acontece com o terrorismo. É difícil compreender e, mais ainda, aceitar o pensamento terrorista, que parece não ter fundamento. Para o autor:

Tal é a hipótese soberana: o terrorismo, no fundo, não tem sentido e não se pode medi-lo pelas suas consequências "reais", políticas e históricas. Paradoxalmente, por não ter sentido, é que provoca acontecimento num mundo cada vez mais saturado de sentido e eficácia. (BAUDRILLARD, 2007, p. 33).

Assim como o terrorismo é considerado irrealista, "nossa realidade virtual, nossos sistemas de informação e de comunicação também estão, desde muito tempo, além do princípio da realidade" (Baudrillard, 2007, p. 33).

De fato, este ponto de vista explorado por Baudrillard pode ser constantemente presenciado em nossa sociedade. Somos bombardeados diariamente com uma quantidade imensurável de notícias - ou mesmo de fatos sem a mínima importância que acabam recebendo o caráter de notícia e sendo vendidos como tal. E, para agravar ainda mais a situação, estes fatos são recontados diversas vezes, em todos os meios de comunicação, de tal forma que se torna difícil não tomar conhecimento. Entretanto, o que poderia ser considerado algo positivo - afinal de contas, é sempre bom estar bem informado, é o que dizem - acaba tendo o efeito contrário. Segundo Baudrillard (2011), esse excesso de informação que recebemos não nos deixa verdadeiramente informados, mas sim impotentes.

Para ilustrar essa opinião, o autor dá o exemplo da política. Ele acredita que estamos vivendo uma realidade em que a classe política está se separando cada vez mais da classe "real", de forma que se extingue a possibilidade de qualquer interação entre ambas. Sendo assim, os escândalos e corrupções que envolvem a política não chegam a ter consequência nessa sociedade dissociada, pois

a sociedade real desinteressa-se da classe política, sem deixar de desfrutar o espetáculo que esta proporciona. A mídia serve enfim para alguma coisa e a "sociedade do espetáculo" tira todo o seu sentido dessa feroz ironia: as massas concedendo-se o espetáculo dos disfuncionamentos da representação através dos riscos da corrupção da classe política. A esta nada mais resta a não ser autossacrificar-se

para assegurar o espetáculo necessário ao prazer do povo. (BAUDRILLARD, 2011, p. 40).

O que resulta dessa situação é que, apesar de a classe “real” estar informada sobre a classe política, de nada adiantará: “As decisões continuarão a ser tomadas, circulando entre as elites, os *experts* e os estrategistas, sem considerar qualquer opinião coletiva.” (Baudrillard, 2011, p. 42).

Além do sentimento de impotência, estamos ainda sujeitos ao pânico. Tomando conhecimento de toda a violência, catástrofes e infelicidade que a mídia faz questão de enfatizar, não somos tomados pela solidariedade, mas sim pela culpa e pelo remorso.

Todo esse excesso de informação, que nos persegue ao ligarmos a televisão, o rádio ou o computador, está compreendido no virtual, que “caracteriza-se não somente por eliminar a realidade, mas também a imaginação do real” (Baudrillard, 2011, p. 57). Isso caracteriza o chamado “tempo real”, que, segundo o autor, é diferente do tempo histórico - quando os acontecimentos ocorriam e deixavam provas. No tempo real não há mais comprovação de nada; os fatos só existem durante o tempo que existem. Em suma: “já nos é cada vez mais difícil imaginar o real, imaginar a História, a profundidade do tempo, o espaço em três dimensões - tão difícil quanto era outrora, a partir do mundo real, imaginar o universo virtual ou a quarta dimensão.” (Baudrillard, 2011, p. 109).

O mundo hiper-real

Neste momento, abandonamos a discussão sobre o mundo real *versus* o mundo virtual e avançamos para o mundo hiper-real que, segundo Baudrillard, é o que estamos de fato vivendo. *Hiper* porque já não pode mais ser considerado somente real. O bombardeamento de informações por parte da mídia, a interatividade exacerbada - e, muitas vezes, desnecessária - e a ideia de liberdade causada pela popularização da *Internet* fazem com que tudo extravase a realidade. Como o próprio autor ressaltou, livre do real, podemos fazer ainda mais: o hiper-real (Baudrillard, 1991).

Observamos isso frequentemente na área do entretenimento. Os *reality shows* mais recentes já nos permitem votar pela *Internet* ou até mesmo por aplicativos instalados em nossos *smartphones*. Isso nos transmite uma ideia de poder, pois somos

nós que decidimos o futuro dos participantes. É como se fizéssemos parte da produção do programa; deixamos de ser meros telespectadores. Além disso, nos sentimos próximos de todas as pessoas que, assim como nós, estão assistindo, participando e "moldando" a televisão. O jornalismo também tem se apropriado muito dessa interatividade, pedindo opiniões e até mesmo sugestões de pauta para o público - promovendo a ilusão de que mídia é um espaço aberto e receptivo, onde todos podem colaborar.

Mas a situação real não é exatamente assim. Por mais que o público possa opinar, sugerir e criticar, não pode dar a palavra final. Voltamos ao sentimento de impotência, pois quem definirá os assuntos a serem abordados ainda serão as elites. O mesmo acontece em relação à *Internet*, que

Apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta. Não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, *sites* estabelecidos, códigos instituídos. Nada existe para além desses parâmetros de busca. Toda pergunta encontra-se atrelada a uma resposta preestabelecida. (BAUDRILLARD, 2011, p. 132).

A televisão hiper-real

A televisão é outro meio de comunicação inserido neste mundo hiper-real. Além de ser uma considerável fonte de informação para grande parte da população mundial, representa a redundância, a repetição e o exagero que caracterizam a hiper-realidade. Baudrillard (2011) pondera que, inicialmente, a televisão tinha o objetivo de nos falar do mundo, mas que, em um segundo momento, é tomada pelo acontecimento.

Além dos noticiários, os programas de entretenimento estão frequentemente presentes nas grades de muitas emissoras televisivas. E é aí que muitas delas pecam: os apresentadores, as personagens, as "atrações" acabam virando notícia e "A televisão passa a girar em torno de si mesma" (Baudrillard, 2011, p. 141). Para completar, o autor diz que

Os fatos que hoje dão manchete [...] mascaram o elemento fundamental: a televisão perdeu ao mesmo tempo a ideia do que faz e a imaginação do mundo real. Em consequência, só fala para si mesma

ou, o que dá no mesmo, para um público não identificado do qual só espera a audiência. (BAUDRILLARD, 2011, p. 142).

Mais uma vez o autor deixa claro que nós, espectadores, somos impotentes e não temos nossa opinião levada em conta.

Considerações finais

Há quem considere Jean Baudrillard um pensador pós-moderno⁷ pessimista em relação à mídia em geral e que percebe o receptor - seja ele telespectador ou internauta - como um sujeito totalmente passivo. Por vezes, lendo sua obra, é mesmo possível tirar essa conclusão. Entretanto, pode-se constatar que o autor tem consciência de que existem diversos tipos de pessoas que formam o chamado "público" da mídia, e que cada uma pode ter uma interpretação diferente do que é veiculado. Enquanto algumas são mais críticas, outras são mais facilmente influenciáveis. São essas as maiores vítimas dos sentimentos de impotência, remorso e pânico. É possível entender, então, a visão de Baudrillard mais como generalizante e menos como pessimista.

É válido, ainda, analisar que os textos estudados do autor datam, em sua maioria, da década de 1990, quando temas como interatividade e redes sociais ainda não tinham a relevância atual. Mesmo assim, as opiniões ali presentes fazem muito sentido quando trazidas para o contexto em que vivemos atualmente, quando é comum pessoas que passam quase cem por cento de seu tempo conectadas à *Internet*.

Por fim, cabe acrescentar que a divisão do mundo em real e virtual torna-se cada vez mais inimaginável e que a sociedade em que vivemos pode, sim, ser inserida no contexto da hiper-realidade. Quando tudo parece *over* a tal ponto que somos incapazes de ignorar certos fatos noticiados e quando a realidade chega a um nível de saturação que não pode mais ser concebida como real, é plausível que se dê a ela o prefixo "hiper" - que designa excesso, posição superior - sem nenhuma distorção de sentido.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

⁷ Apesar de ser considerado um pensador pós-moderno, Baudrillard nunca se declarou desta forma

_____. **Tela Total**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

_____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

Filmes

MATRIX. Direção e roteiro: Andy Wachowski e Lana Wachowski. Produção: Joel Silver. Intérpretes: Keanu Reeves; Laurence Fishburne; Carrie-Anne Moss; Hugo Weaving. Música: Don Davis. Estados Unidos/Austrália. 1999. 1 DVD (136 min).

THE Truman Show. Direção: Peter Weir. Produção: Scott Rudin; Andrew Niccol; Edward S. Feldman; Adam Schroeder. Intérpretes: Jim Carrey; Laura Linney; Ed Harris; Noah Emmerich; Natascha McElhone. Roteiro: Andrew Niccol. Música: Burkhard Dallwitz; Philip Glass. Estados Unidos. 1998. 1 DVD (103 min).